



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Raíssa Constância Gomes dos Santos

DE MULHERES Á CINZAS: DA CONSTRUÇÃO A DESMISTIFICAÇÃO DA BRUXA

Rio de Janeiro

2019

Raíssa Constância Gomes dos Santos

**DE MULHERES Á CINZAS: DA CONSTRUÇÃO A DESMISTIFICAÇÃO DA
BRUXA**

**Projeto de monografia apresentado à Escola
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio –
Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz)
como requisito parcial para aprovação no
Curso Técnico em Análises Clínicas.**

Orientadora: Simone Ribeiro

Co-Orientador: André Vianna Dantas

Rio de janeiro

2019{{{

RESUMO {{{{

Os chapéus pontudos, as verrugas pelo rosto, aparência horrenda, vassouras voadoras e pactos com o diabo, as bruxas da atualidade não se encaixam nos padrões estabelecidos entre os séculos XV e XVIII que ainda são retratados em desenhos animados, filmes e livros infantis.

O estereótipo marcado pela aparência detestável e pelo comportamento repulsivo e maléfico foi a forma mais fácil de desumanizar mulheres que, através de seus conhecimentos iam de encontro com as relações sociais de poder e estabelecidas na sociedade, principalmente pela igreja e patriarcado.

Entendendo essa relação de poder e como se perpetuaram na sociedade até os dias atuais devemos nos perguntar: essa visão condiz com a realidade? Afinal, o que é a bruxaria e como esse fenômeno se deu na Idade Média? Para isto é necessário fazer resgates da Antiguidade para uma melhor compreensão em relação ao princípio desse fenômeno.

Este trabalho objetiva apresentar a Bruxaria, resgatando os aspectos históricos a fim de entender esse fenômeno religioso social e cultural. Também se propõe a desmistificar o conceito estereotipado maligno construído e cativado pela sociedade no decorrer dos séculos em relação às bruxas através da exposição do que realmente foi esse fenômeno. A principal questão a ser tratada neste artigo, é a desmistificação do estereótipo de bruxas impregnado a figura feminina, que ainda percorrem o imaginário comum nos dias de hoje. Desta forma buscando entender como foi o processo da construção e classificação de mulheres a bruxas e conseqüentemente, a apresentação da mesma para a sociedade medieval. A pesquisa tem cunho qualitativo e será realizada com base em revisão bibliográfica.

Palavras-chave: Bruxaria, Feitiçaria, Mulheres.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
OBJETIVOS	09
JUSTIFICATIVA	09
METODOLOGIA	10
CRONOGRAMA	11
REFERÊNCIA	12

INTRODUÇÃO

Uma das principais questões que rodeiam o imaginário comum, é a distinção entre bruxas e feiticeiras. Nos situando na Europa Ocidental em período da Idade Antiga, é que buscamos a definição e a diferença entre os donos de tanta confusão, a fim de compreender quem foram essas figuras que se tornaram responsáveis por tamanho impacto social.

Ao falar sobre as mulheres, feiticeiras e/ou bruxas, na antiguidade, é necessário entender que não existia o imaginário de bruxas e nem bruxaria, como fenômeno histórico-social que conhecemos hoje, apenas a presença das feiticeiras e a feitiçaria. Pois as mulheres da Antiguidade que faziam uso da feitiçaria, eram aquelas dotadas pelo pouco que sabiam sobre a categoria medicinal, conhecida hoje. E que, até então, não fora marcada por uma visão negativa concedida pela igreja Cristã e a população: processo de disputa de poder na Era Medieval para a estabelecer sua hegemonia e destronar o paganismo.

O paganismo é conhecido por ser uma crença baseada na força do sobrenatural, com uma intensa conexão a força da natureza e a crença em diversos deuses, denominado politeísmo, que têm total domínio dos acontecimentos habituais. Nascida na Palestina, representada por um único deus em contraste de ideologias ao paganismo, o cristianismo durante muito tempo, foi definido pelos praticantes pagãos, como uma crença inferior. Dessa forma, os católicos se sentiam oprimidos e então realizavam seitas secretas omitindo sua devoção a somente um deus, diferenciando-se dos demais grupos, pagãos. E que se sucedeu em seu surgimento e formação situado durante a antiguidade romana e que gradativamente se tornou a religião oficial do Império. Certamente, para que ocorresse a conquista da hegemonia para em seguida uma completa conversão, foi necessário séculos de confronto, que durou desde o nascimento de Cristo até a declaração de Teodósio nomeando o Cristianismo como religião oficial do Império em 379 (RUSSEL,1993, p.26).

As feiticeiras foram mulheres que na Antiguidade dominavam conhecimentos de práticas consideradas mágicas e que, na época, era representado pelo domínio da manipulação de ervas ou materiais provenientes da natureza, para a feitoria de ritos de forma julgada a ser sobrenatural, a fim de curar o enfermo. Denominado como baixa magia, segundo o autor (RUSSEL e ALEXANDER, 2008). Quando, em uma perspectiva científica, a manipulação de insumos advindos da natureza, ao serem utilizados, poderiam ou não provocar uma série de reações

metabólicas no organismo do enfermo que poderiam influenciar para a cura de algum mal. As feiticeiras eram em sua maioria mulheres camponesas de classe baixa, responsáveis por cuidar da limpeza, filhos e preparação do alimento enquanto o homem trabalhava para seu sustento “Ecce Homo 23: Homens e mulheres” (1999).

Já a bruxaria exerce a prática da feitiçaria seja ela usada para fins malignos ou benignos, o que em seu conceito é um conjunto de crenças e práticas mágicas do mundo rural europeu, relacionadas frequentemente com a adivinhação do futuro, necromancia, controle climático, curandeirismo e artes amorosas. A associação das palavras “bruxos” e “feiticeiros” aderiu o significado de práticas heréticas: originado na Idade Média e fundada pelos cristãos, aderindo à ideia de que as bruxas desfrutavam de poderes psíquicos capazes de ocasionar o mal. Denominado como alta magia (RUSSEL e ALEXANDER, 2008).

Embora haja atualmente a associação destas palavras, “feiticeiros” e “bruxos”, a feitiçaria pode ser compreendida como mais antiga que a bruxaria, uma vez que esta é encontrada em diversas áreas do mundo, presente em diversas culturas e diversos períodos históricos.

A palavra “bruxaria” pode ser conceituada, segundo Johnni Langer (2017), como um imaginário criado a partir da Idade Média Central sobre as práticas mágicas e a feitiçaria, cujos membros, as bruxas, seriam participantes de uma seita coletiva e herética para adorar Satã por meio do pacto diabólico, em uma reunião especial, o "sabá". É o produto mais complexo do discurso anti-mágico produzido pelas instituições religiosas do Ocidente. E também entendida como a bruxaria moderna neopagã, de forma a ampliar seu significado. A derivação da palavra “bruxa” através de sua semântica (RUSSEL e ALEXANDER, 2008):

a palavra witch [‘bruxa’, em inglês] deriva de wicca (pronuncia-se ‘uítcha’, que significa ‘bruxo’, um praticante masculino da bruxaria) e de wicce (‘uítchê’, que é ‘bruxa’); ambos os termos pertencentes ao inglês antigo. Os dois substantivos derivam do verbo wiccian (‘uítchan’, que quer dizer ‘jogar um feitiço’ ou ‘lançar um encantamento’).

Logo, a palavra “bruxa” se destinou a abranger ao grupo ou indivíduo, que destina a feitiçaria para fins maléficis. Embora o indício de religião que cultua figuras malignas jamais existiu.

Falando de mulheres na antiguidade, também estamos falando sobre a origem dos primeiros indícios da desvalorização feminina. As mulheres obtiveram um papel fundamental para a cultura na antiguidade, caracterizada por sua natureza como a menstruação, a gravidez e a amamentação e seus conhecimentos medicinais com plantas que, as responsabilizavam com uma função central em seus exercícios na sociedade. Enquanto o homem, era responsável pela caça com o intuito de preservação da espécie visto que, a mulher era a única capaz de gerar filhos. (MARCONI, Momolina. Prelúdio das religiões: As bruxas. São Paulo: Paulus, 2008.)

A admiração pelos dons naturais femininos e seus conhecimentos medicinais eram tantos pela sociedade antiga que chegavam às igualar com os deuses, como um ser sagrado. Logo, o enaltecimento feminino começou a afetar o desejo do homem, de ser algo semelhante, visto que sua função não se igualava as funções das mulheres. Entretanto, os quais ainda não sabia sobre sua importância na reprodução.

Em pouco o homem havia de criar os ritos masculinos, que faziam uso de artefatos que induziram significado ao parto, já desenvolvendo desta forma o seu poder cultural enquanto a mulher possuía o poder biológico. Já que antes não havia a centralização de nenhum dos sexos adiante passou a existir o revezamento entre da liderança, quebrando a harmonização que existia antes entre os gêneros.

Foi então que no período Neolítico, o homem passa a ter o conhecimento sobre sua utilidade na reprodução e se permite o poder de controlar a sexualidade, assim o casamento se tornou uma das formas de liderança sobre a mulher. Agora o passar dos séculos se resultou na transformação da sociedade matriarcal na sociedade patriarcal, trazendo um novo significado a mulher baseados em descredibilização.

Com o descobrimento do metal, a população abandonou a vida de nômade e o homem ganha um novo papel ao preparar a terra na esfera agrícola e a mulher passa a se limitar apenas no campo doméstico, se submetendo a dependência do homem economicamente e socialmente. (CABREIRA, 2012)

A mulher no séc.XXI se tornou um popular assunto a surgir nas mídias. Em meio a discussões sobre gênero, sexualidade e sexo a diversidade de assuntos a serem discutidos relacionados ao tema feminino, ganha gradativamente a força merecida e buscada durante anos de lutas. O papel social da

mulher e sua importância condiz a mudança da perspectiva de como estamos repaginando um olhar retrógrado sobre as tais. Trazendo e exibindo para a atualidade o que ainda há de errado ao insistir em se basear no conceito de mulher construídas no passado e a importância da desconstrução de tal pensamento misógino.

A palavra feminicídio surge um tanto nova, usamos para referirmos a casos de perseguição e morte intencional do sexo feminino. A escritora Silvia Federici dona da obra “Mulheres e a caça às bruxas”, traz um conceito interessante de pensar nos casos de feminicídios, fazendo relação com os acontecimentos ocorridos durante a Idade Média, em seu período mais popular, conhecido como o caça às bruxas. As mortes de mulheres que ocorreram naquela época nos faz refletir o quanto o feminicídio já existia antes mesmo de existir a própria palavra ‘feminicídio’ para tal conceito, e também, o quanto ainda carregamos as estruturas que alimentam a continuidade deste.

A principal questão a ser tratada neste artigo, é a desmistificação do estereótipo de bruxas impregnado a figura feminina, que ainda percorrem o imaginário comum nos dias de hoje. Desta forma buscando entender como foi o processo da construção e classificação de mulheres a bruxas e conseqüentemente, a apresentação da mesma para a sociedade medieval.

CAPÍTULO 1

A visão do feminino na idade Média foi influenciada fortemente pela religião cristã da época, a qual, através de sua dominância moldou a imagem da mulher durante um longo período. Entretanto as origens dessa moldura não teve seu prelúdio advindo de um único ponto da história. O processo de construção do papel da mulher fora iniciado e afirmado na fusão dos discursos Aristotélicos e demais características presentes na Antiguidade Clássica. O que resultou, ao decorrer da história na criação das hierarquias. E por fim, a inundação do novo olhar da igreja, no período medieval, acrescentou e tornou real a associação da mulher com as figuras demoníacas e malignas. (***VISÕES SOBRE O FEMININO E O CORPO NA IDADE MÉDIA***)

“... a imagem da mulher medieval é construída a partir da oposição entre feminino e masculino, na qual o ser homem liga-se à virilidade, ao senso de honra, à retidão, e a mulher à desonra, a ausência de retidão no comportamento e no pensamento. O homem relaciona-se à espiritualidade, sendo considerado o portador de um caráter superior perturbado pela natureza feminina. A mulher é, em sua essência, instintiva, dionisíaca, e o homem, racional, apolíneo (LIEBEL, 2004, p. 8).”

A instalação do cristianismo como religião predominante no medievo se resumiu na bifurcação religiosa existente, na qual por um lado se encontrava o paganismo que predominava a crença da população medieval, e por outro lado o cristianismo, em menor número por seu princípio. Com a finalidade de catequizar a parcela pagã. O comportamento do cristianismo perante a antiga religião, tinham como um símbolo comunicativo a permanência e a afirmação da magia, de modo apenas a apresentar aos pagãos a reinterpretação desta. Se tornando portanto uma postura estratégica. *(VISÕES SOBRE O FEMININO E O CORPO NA IDADE MÉDIA)*

Uma das formas da construção e afirmação do feminino está fortemente atrelado nas interpretações criadas pela igreja, uma delas relaciona-se aos personagens mitológicos. Isso ocorreu na transição da antiguidade para a idade média, no processo de transformação da sociedade, que antes pagã, em cristã. Ocasionalmente vários distúrbios que faziam parte de uma estratégia cristã na apropriação e introdução de suas práticas na sociedade, como por exemplo a nova imagem misógina da mulher apresentada como feiticeira e sua metamorfose para bruxa.

Deste modo, o cristianismo teve objetivo da modificação da interpretação representativa em figuras mitológicas fortemente conhecidas no paganismo como Diana, que passou a ser a associada, mais

tarde como a rainha das noites e das bruxas, tendo parceria com o Diabo. Assim como as ressignificação das tradições, locais simbólicos ao paganismo e crenças cultivadas pelos indivíduos pagãos, os quais o cristianismo se encarregou de trazer a perspectiva maléfica para estes elementos, introduzindo espíritos maléficos e até mesmo o Diabo. Como por exemplo a associação de algumas figuras mágicas e festas noturnas, que mais tarde se resultaram na relação de encontro entre Satã/Diabo e as bruxas. O que, quando na verdade, as reuniões de feiticeiras eram para a homenagem à deusa Holda, com a representatividade tanto fertilidade quanto destruição. O Diabo que é apresentado pelo cristianismo como um dos mais novos principais personagens, mentor de todo os malefícios do mundo, tinha o objetivo da unificação do mal entre as religiões. Desse modo, o Diabo unia em si, todas as partes ruins de todos os deuses que os pagãos poderiam conhecer. E, por mais que essas deidades detinham dentro de si o bem e mal, a parte maligna era quem ganhava maior destaque para a óptica cristã (*As raízes do imaginário: o Diabo na sociedade católica européia no século XV*)

Logo, foram criadas as táticas de demonização do paganismo, através de escritos patrísticos elaborados por personagens que influenciavam a época como teóricos, filósofos e religiosos. E, por sua vez, estes escritos vinham mostrar a forma da atuação do Diabo e também ensinar a forma de interpretação das deidades pagãs como personagens que prestavam de instrumento do Diabo ou o próprio e que, visavam o afastamento dos indivíduos da salvação cristã.

A exclusiva deidade dos cristãos era conhecida como Deus, e este era representado como uma imponente força e o único capaz de combater as forças do Diabo e oferecer a salvação. Essa necessidade da construção do medo associada ao Diabo era mais uma das táticas do cristianismo para sua vitória no processo de conversão.

As heresias foram estabelecidas e encorporaram maior significado através da reinterpretação do mundo pagão, desta forma, as crenças antigas foram manipuladas a se tornarem as novas heresias e também requisito para fazer parte da bruxaria. (*Dossiê: Bruxaria e Feitiçaria Nórdica*)

“Jaques Le Goff nos mostra que o contato com pagão era trabalhado de três formas: “a destruição, a obliteração - a sobreposição dos temas, das práticas e imagens cristãs aos correspondentes antecessores pagãos – e a desnaturalização – o mais importante dos processos: a

conservação mais ou menos parcial das formas, acompanhada de uma profunda e radical mudança de significados.” (LE GOFF, 1980: 211-214). “

Por tanto, o cristianismo não vinha a ser algo novo, se apresentou com uma reinterpretação perante as crenças e tradições pagãs já existentes, dando continuidade às antigas crenças, porém, as repaginando. Mesmo que fosse para a perspectiva maligna e abolindo algumas práticas a julgar ser errôneo, tornando-se assim, uma crença híbrida.

Meio ao sincretismo pagão-cristão, é perceptível que os elementos do paganismo são transferidos para o novo modelo religioso e também são estabelecidos como um novo sistema na qual existiu a transferência entre ideologias e segmentos. Logo, após a conversão não houve uma erradicação do paganismo, nem de venerações ocultas e encontros secretos. (*Bruxaria e Feitiçaria Nórdica*).

A função social dos integrantes da sociedade medieval, eram deferidas de acordo com a sexualidade. A questão do feminino e masculino sempre estiveram grande pauta na organização da sociedade da época. E era necessário reafirmar a natureza feminina e empregar a sua inferioridade em comparação com o sexo masculino. Com o caminhar de anos ainda encontrava-se a persistência da visão feminina construída por personagens como Agostinho e filósofos como Aristóteles que influenciavam a época e que, cada vez mais se tornava natural a interpretação da mulher como objeto que deve ser controlado, inconfiável e maléfico. Também, marcada mais ainda pela religião cristã.

O controle da igreja sobre a figura da bruxa carrega consigo todos os estigmas construído para a detenção das mulheres. Sejam elas velhas ou jovens eram associadas a todas as mulheres que detiam do conhecimento da natureza. Desta forma as camponesas, que detém conhecimento e usam-o para combater doenças ou infortúnios do dia a dia, estavam na mira da acusação. Melhor dizendo, a construção da imagem da bruxa tinha relação direta a interpretação da mulher, pois elas

expressavam para a época, figuras de conhecimento e poder. (*bruxa a demonização da mulher que conhece o próprio corpo*)

A construção da mulher como misoginia ao decorrer dos séculos, transformou a sua inserção nos campos cotidianos do medievo cada vez mais difícil de ser acessada. Isso porque nos séculos X ao XIV, ainda era visível ver a mulher inserida no mercado de trabalho, porém a cada século se tornava mais difícil a presença delas. Entretanto, desde o ano de 330 até 1500 houveram publicações de mulheres que influenciaram o campo científico e educacional mostrando assim a presença fragmentada das mulheres mesmo em uma dominação masculina. O controle masculino assim como os padrões religiosos era constante na vida feminina da época. A mulher era vestida de limites a todo o tempo e só poderia sair deste traje se fosse ela parte da nobreza do período. (CARVALHO, 2012)

As mulheres, que não faziam parte da esfera nobre, por sua vez, representavam a população restritas ao campo doméstico ou o agrícola. O que de certa forma, contribui para o maior conhecimentos sobre a botânica. Não por serem portadoras de um dom divino, mas por elas serem as mais comuns administradoras das plantas pois, estava diretamente associado à utilização cotidianamente. A culinária exigia o conhecimento de plantas seja para a conservação dos alimentos ou para o sabor de carnes e para fins medicinais. Pela necessidade do aprendizado de conhecimentos das plantas, a cozinha virava um lugar, também, de preparos de remédio. Se evidencia então, a importância das plantas no cotidiano da sociedade de época medieval. Desmistificando o imaginário de que as mulheres eram privilegiadas com dons mágicos de saberem exatamente o que usar e quando usar. (Bruxaria e Feitiçaria Nórdica).

A agricultura possuía o sustento econômico da época e também abrigavam algumas mulheres que buscavam o sustento dos lares junto aos seus maridos. Neste campo, a mulher não prestava os mesmos serviços do homem como o corte de árvores, o semeio e a lavoura por exemplo. mas era responsável pela fabricação de produtos oriundo das matérias primas, como a tecelagem e fiação por exemplo. (*nas tramas do feminino: representações das mulheres na idade média*)

No surgimento das universidades situados entre o séc XII e XIII, a restrição das mulheres medievais no campo da educação mostrava o quanto a credibilidade ao sexo masculino era real. Para almejar algum nível de conhecimento, era necessário ser uma mulher nobre. Para só assim poder contratar docentes particulares. Na idade média existiram poucas mulheres de destaque social, como como Hildegardia (1098-1179) que foi mentora de uma escrita 'Causa e Cura' que mostra um pouco sobre a medicina no medievo assim como a poeta francesa Cristina Pisa (1364-1430). Desse modo, a repartição do medievo não se associava apenas ao sexo feminino e masculino mas também estava maior associado ao status socioeconômico. De modo que a mulher nobre tinha mais poder do que um camponês do sexo masculino. (*nas tramas do feminino: representações das mulheres na idade média*)

A INQUISIÇÃO E CAÇA ÀS BRUXAS

No séc XII, ocorreu o surgimento de algumas seitas cristãs, a modo que, despertaram a atenção da igreja na época. Essas seitas iam de encontro a algumas ideologias da igreja assim como a discordância da volumosa quantidade de propriedades de bens e riquezas, ,a sua insensibilidade e desinteresse quanto aos pobres e também o afastamento da igreja de Deus visto a tanto posse sobre o poder político da época. Logo, a igreja católica interpretou as novas seitas como uma afronta e ameaça ao seu poder. Com medo das novas concorrências que surgiam e também contra a disciplina que eles pregavam, a elite religiosa ordenou, sobre o apoio do papa da época, a eliminação de todos os integrantes das novas seitas.

No séc XVIII, com o papa Gregório XI no poder, foi criada uma primeira bula acerca da divulgação de ordem para a intensificação na identificação e conversão dos hereges. E, após a identificação, os hereges eram convidados a se curvarem perante a igreja e se caso não estivessem de acordo ocorreria a excomunicação.

No ano de 1233 o mesmo papa faz uma outra bula enviada para a ordem dominicana. Esta nona bula instruiu aos inquisidores a intensificar a forma de combate aos hereges, usando agora medidas mais eficazes na conversão.a tortura.A bula papal ficou conhecida como uma ordem católica e nomeada como Santo Ofício, ou a Santa Inquisição e serviu de argumento para julgar e punir os hereges, ou seja, qualquer ameaça para a desacredibilização dos dogmas católicos. O objetivo era o mesmo da bula anterior, retirar os hereges, ou melhor dizendo as futuras ameaças que poderiam destronar a igreja do poder. e dessa vez, a inquisição viria atacar principalmente os cientistas que tentavam buscar algumas explicações através da ciência, mulheres que dotava do conhecimento medicinal, discordantes dos dogmas cristãos, pecadores e entre outros que se emolduravam nas requisições de heréticos.

A inquisição foi apresentada para a população de região em região para tornar ciente cada indivíduo local. A igreja permitia um certo tempo para a confissão individual, após a apresentação para que, os cidadãos se livrassem de qualquer punição inquisitorial.

Após o período de confinamento, qualquer denúncia seria aplicada a punição. Este feito permitiu que houvesse proveitos individuais dos cidadãos perante a nova lei aplicada, não demorou muito para começar a onda de denúncias falsas por rivalidades ou por disputas de terras ou concorrência no comércio por exemplo.A igreja teve sua economia favorecida neste processo pois, a condenação do indivíduo com bens e riquezas eram convertidos a posse da igreja. Aqui vemos a chegada e o princípio do que, mais adiante, se tornou o caça às bruxas, Neste período as acusações heréticas foram aplicadas a ambos os sexos conseqüentemente.

Em meados do movimento inquisitorial, a caça às bruxas surge acerca de 1300, e se objetiva na perseguição exclusiva das mulheres. O grande autor desta conduta foi um inquisidor alemão chamado de Heinrich Kraemer. O alemão considerava apenas a existência de bruxas, descartando o sexo masculino. Este personagem, também conhecido por nome na tradução latina como Heinrich Institoris, teve seu nascimento em 1430. Ingressou na ordem dos pregadores, e se tornou, no ano de 1474, um inquisidor através da ajuda de alguns amigos influentes em Roma.

Ao princípio de sua carreira, Kraemer tratava apenas sobre assuntos de Heresia e, dois anos depois, passou a centralizar-se na bruxaria. Mais tarde Kraemer viria a elaborar um livro, um manual no qual mostrava a forma de identificação de uma bruxa, os poderes da bruxa, a aliança com o Diabo,

as ameaças que elas causavam a igreja e os métodos de torturas, junto ao James de James Springer. Entretanto, mal sabia ele que seria, em 1490, condenado por seus próprios ditos. O apoio para a cruel obra de Institoris no ano de 1484, ficou responsável pelo Papa Inocêncio XIII que, após a publicação da bula *summis desiderantes affectibus* gerou a popularização do livro *Malleus Malleficarum* “O Martelo das Feiticeiras” que foi publicado dois anos seguintes da declaração a inquisição contra a bruxaria pela bula papal.

A substituição do substantivo Mulher para Bruxas, derivou o movimento de caça às bruxas que se iniciou no fim do séc XV a XVII, com duração quase de duzentos anos.

As mulheres, para além de torturas, as que foram queimadas em público, serviram de exemplo para demonstrar a consequência da desobediência a doutrina da igreja. As torturadas, ao serem submetidas a condições desumanas, admitiam qualquer que fossem as suas acusações.

(RUSSEL e ALEXANDER, 2008)

A importância de ressaltar o assunto das caça às bruxas ganham destaque absoluto quando chegamos aos casos de morte e tortura da época. Entre 1450 e 1750, os casos de tortura chegam em uma estimativa de 110 mil e os casos de execução se rodeia entre 40 mil a 60 mil. (RUSSEL e ALEXANDER, 2008, p.13)

CAPÍTULO 3

IDADE MÉDIA DIFAMADA E O FIM DA CAÇA ÀS BRUXAS

O enfraquecimento da hegemonia do cristianismo se iniciou após a queda da caça às bruxas no séc.XVII e se concluiu no séc.XVIII. A perseguição não possuía normas de acusação, resultando no crescimento do movimento, que disseminou a crença de que qualquer pessoa estaria sujeita a cometer uma heresia. Este cenário amedrontava e limitava cada vez mais as ações da dos indivíduos da sociedade, Deste modo, surgiam cada vez mais pessoas que se opunham à ideia de continuar sustentando a causa apoiada firmemente pelos religiosos. Entretanto, era compreendido que a oposição contra a igreja da época, resultaria em perseguições e acusações. Então como seria possível lutar contra o movimento sem ser indiciado e condenado as fogueiras do medievo ?

Os intelectuais que iam de encontro às ideias, optaram por estratégias que seriam proveitosas, alcançaram argumentos para transformar a bruxaria em superstição sem se opor às autoridades da época, para não se resultar em perseguição. A partir das impregnações de novas cosmovisões, as novas manifestações dos saberes científicos marcaram uma nova era, a modernidade. Neste período, pôde ser observado a decadência do pensamento religioso substituído gradativamente pela nova corrente de intelectuais que buscavam trazer a ciência como uma nova ferramenta explicativa. Logo o declínio da bruxaria aconteceu, pois defendê-la já não seguia as normas do referencial de intelectualidade.

A partir do princípio da idade média ,tanto no período da sociedade pagã quanto depois de sua passagem para o cristianismo, a crença social da magia no mundo era fortemente defendida. As mensagens folclóricas e mitológicas da época possuíam um significado real e imediato aos cidadãos, o que mais tarde viria a ser, o argumento para o destaque da idade moderna contra a passagem das trevas para a era de luz.(**A imagem da bruxa da antiguidade histórica as representações filmistas**) Logo o próprio termo ‘Idade Média’ é uma criação que tem significado em sua forma literal “época intermediária” e foi nomeada desta maneira por conta de um duplo fenômeno cultural e religioso. Tal denominação favorece também aos Renascentistas pois queriam retomar ao cristianismo de origem e desprender-se da igreja católica que, segundo eles, havia se tornado indiferente com relação aos ideais que levariam ao paraíso.

Os humanistas, românticos e iluministas, visando seus interesses pessoais, foram contribuintes para a disseminação dos estereótipos contra a idade média. Criando em grande parte, todos os mitos e conjunto de representações que lentamente se difundiram na cultura europeia e se mantém até hoje.

Por conseguinte, nota-se que a própria origem da nomenclatura da idade média já é uma apropriação do período e um estigma pejorativo possibilitando o uso de anacronismos e outros conceitos que contribuíram para a construção de uma “idade média falsa”. Assim como a popularização da ideia de que a caça às bruxas ocorreu no período medieval. Entretanto a idade média não era apenas tempos de decadência e trevas, mas sim um período com altos e baixos como todos os outros. (RUSSEL e ALEXANDER, 2008)

ATUALIDADE

“As bruxas existem ?” A resposta interage certamente com definição da palavra “bruxa”. Que se compartimenta no conceito errôneo criado no período inquisitorial: a bruxaria como o conceito relacionado a mulher como instrumentos do diabo, que causa malefícios. E também, o conceito atualmente da existência da bruxaria que concentra em si, a significância de ser uma religião.

A bruxaria como religião teve um mentor, Gerald Gardner, que se tornou conhecido como o pai da bruxaria. Gardner, seguiu a ser o porta voz e divulgador da religião que, segundo ele, já existia e apenas era necessário representá-la. Decidiu então se arriscar mesmo sabendo a fama que a bruxaria carregava. Logo a bruxaria moderna ficou conhecida como Wicca.

Esta nova religião busca a revivência das práticas pagãs, por isso se encontra na categoria conhecida como Neopaganismo. O número de bruxas e bruxos vem crescendo nos dias atuais e teve seu início no ano de 1960.

A bruxaria moderna ainda segue na luta para se desprender do significado maléfico que a palavra ‘bruxa’ carrega. Neste campo é compreensível que as desconstruções se atingem com muita

insistência e, caso exemplo e inspirador, está no movimento que é ativo até hoje, o movimento feminista.

A mulher depois de alguns séculos finalmente pode reagir, mesmo que com muitas dificuldades, as injustiças cometidas e empregadas a elas. Na quebra de correntes, as mulheres do século XIX e XX tornam real o seu empoderamento no movimento feminista. estes visam a igualdade entre os valores de gênero e a desconstrução da imagem da mulher construída na esfera patriarcal.

A retomada dos espaços da mulher vem sido um trabalho árduo e lento, porém contínuo. Mas, de acordo com a organização social da civilização, é possível perceber as mudanças que a história sofre, ainda mais quando são regidos pela dinâmica econômica, política e histórica. E a quebra do modelo social patriarcal está no foco da desconstrução a todo momento. (RUSSEL e ALEXANDER, 2008)

CONCLUSÃO

Neste trabalho foi buscado apresentar os principais aspectos e fenômenos que associavam e transformaram a imagem da mulher ao maligno. Apresentando períodos essenciais para a uma autêntica versão ocorrida na história de nossos antepassados. Deduzimos então, o quão importante é buscar a história da Bruxaria para a desconstrução do estereótipo que o senso comum carrega. Também pudemos esclarecer, não só o conceito de bruxas, mas outros relacionados a linha do tempo, como a Idade Média.

As mulheres, desde os primórdios das civilizações sempre estiveram em moldes de interpretações e pré-conceitos que distorcem a imagem e retiram da figura feminina a sua essência de seres individuais e sociais, o que nos levam a culpabilizar aos agentes responsáveis como os aspectos sociais, culturais, políticos, e religiosos.

A partir de um resgate na idade antiga, pudemos compreender que nossa sociedade nem sempre esteve afogada no patriarcado e que já ocorreu a organização social da estrutura matriarcal. A qual, se assemelha a uma estrutura matrifocal, ou seja, a cooperação mútua entre os sexos.

A partir de então, pudemos compreender a conversão que, não era uma religião com ideologias autênticas. E que, a passagem do paganismo para o Cristianismo trouxe consigo destruições, apropriações e o amedrontamento como objeto de conversão.

Em meados do séc XV, a reafirmação estrutural do sujeito feminino se torna demonizado pela igreja e alguns argumentos aristotélicos, usados também como base para a repulsão e interpretação do feminino como pecado ambulante, e também feitoras dos desastres naturais. A censura constantemente no medievo nos faz imaginar a quantidades de cientistas que perdemos naquela época. Aqui entendemos que as relações sociais contribuem fielmente para a construção das percepções da realidade. Entretanto, também podem ser manipuladas para as distorções da realidade em benefícios de poucos. Também compreender que as ações e medidas escolhidas pelo cristianismo quase sempre eram por medo da queda de sua hegemonia, a queda do poder e da riqueza.

Estudar e entender como foi um processo da construção da bruxa ,mais intensificado na Idade Média, não se resulta em um simples trabalho. Além de um grande período de tempo, também estamos tratando de um grande território, delimitado por Europa Ocidental. Porém os esforços necessários para a compreensão das origens e motivos para permanência da luta contra o patriarcado. Desmistificar o estereótipo da bruxa, faz alusão a desmascarar uma realidade escondida que, permitindo fazer anacronismo, resultaram em genocídios e feminicídio. E, este último se encontra em destaque em pleno séc.XXI. O que nos faz refletir, seria hoje a sobrevivência do que um dia foi a caça às bruxas ?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RUSSEL, Jeffrey; ALEXANDER, Brooks. *História da Bruxaria*. São Paulo, Aleph, 2008.

CARVALHO, F.A.T; SILVA, A.C.L.F **A mulher na Idade Média**: a construção de um modelo submisso. Disponível em <<http://www.ifcs.ufrj.br/~faza0/mulher.html>>

MARCONI, Momolina. *Prelúdio das religiões: As bruxas*. São Paulo: Paulus, 2008.

(VISÕES SOBRE O FEMININO E O CORPO NA IDADE MÉDIA)

(A imagem da bruxa da antiguidade histórica as representações filmistas)

(Dossiê: Bruxaria e Feitiçaria Nórdica)

(A Imagem da Bruxa: da Antiguidade Histórica às Representações Fílmicas Contemporâneas)

(As raízes do imaginário: o Diabo na sociedade católica europeia no século XV)

.(nas tramas do feminino: representações das mulheres na idade média)

Slide do curso de extensão do LANGER, Johnni “*A bruxaria no medievo: Origem e imaginário*” UFPB-NEVE, 2017. Disponível em:

<[https://www.academia.edu/32537488/A bruxa no medievo origens e imaginario. Modulo 1 do curso Hist%C3%B3ria da Bruxaria UFPB 2017](https://www.academia.edu/32537488/A_bruxa_no_medievo_origens_e_imaginario_Modulo_1_do_curso_Hist%C3%B3ria_da_Bruxaria_UFPB_2017)>. Acesso em: 04 jul. 2019.

Documentário: Malleus Maleficarum

https://www.youtube.com/watch?v=Bt1NddkM_UE

Documentário: As Bruxas

https://www.youtube.com/watch?v=3en4mcgj3_A

Documentário: Ecce Homo 23: Homens e Mulheres

https://youtu.be/t6kqS_eebyQ